

Novos blocos, velho

A realidade econômica mundial que emergiu no pós-Guerra Fria parece mostrar que no século XXI a integração pode ser um valor universal, embora até agora não tenha sido capaz de oferecer soluções para a fome, a marginalização e o desemprego que afetam principalmente os países do Terceiro Mundo

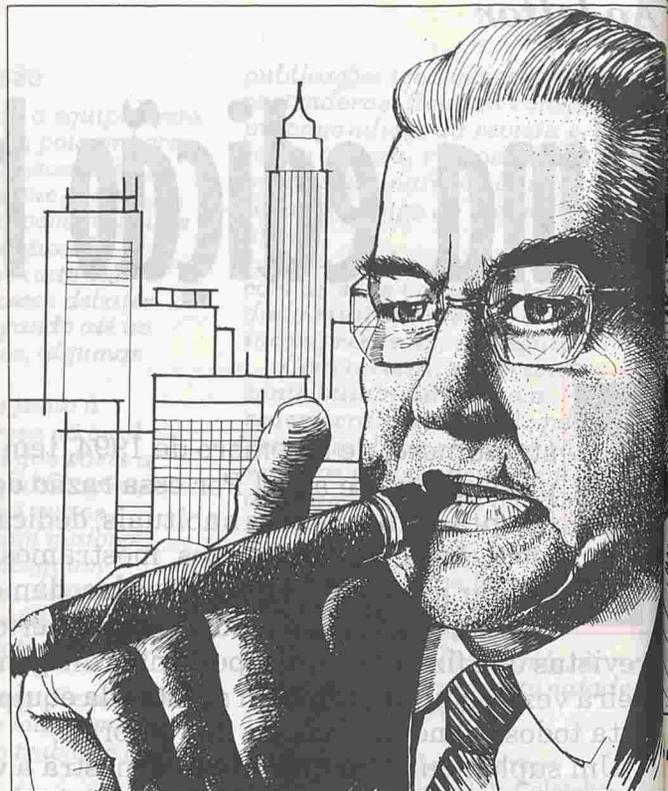
Marcelo Montenegro

Nas últimas duas décadas, o mundo se transformou. Terminou a Guerra Fria, caiu o Muro de Berlim e a União Soviética se desmembrou em repúblicas autônomas que formaram a Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Ao mesmo tempo que em quase todo o planeta começava um crescente processo de associação em blocos regionais comerciais, as novas repúblicas, ex-socialistas, mergulharam de cabeça em uma dramática transição para a economia de mercado, um salto cujos resultados são incertos e imprevisível o tempo que poderá demandar.

Conflitos armados que duraram décadas, como os da América Central, foram encaminhados para soluções pacíficas negociadas. Na África do Sul, o regime do *apartheid* foi desmantelado – algo impossível de sonhar cinco anos atrás – e hoje existe um governo de maioria negra, com o líder do CNA, Nelson Mandela, como presidente. No Oriente Médio, Israel assinou um acordo de paz com a OLP e um armistício com a Jordânia, ao mesmo tempo em que na Iugoslávia, em pleno coração da civilizada Europa, se torna cada vez mais difícil controlar uma guerra étnica que no momento não tem indícios de que vá terminar.

No mesmo período, os países da América Latina e da África sofreram anos de persistente descapitalização, empobrecimento e espoliação financeira, a partir de um processo sistemático de reversão de fluxos de capital.

Houve primeiro um endividamento dos governos



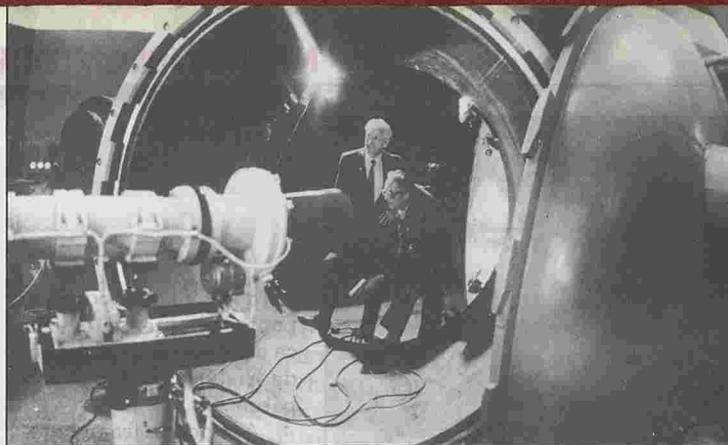
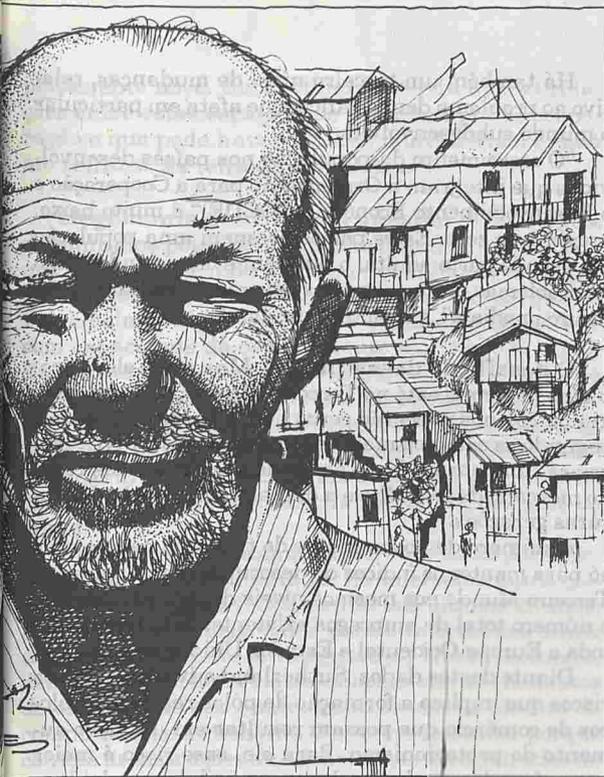
e das empresas com grandes bancos privados do Ocidente, a taxas flutuantes de juros, praticamente negativas. Depois as condições foram alteradas exigindo-se o pagamento de taxas que se multiplicaram de forma geométrica, chegando a 21% ao ano. Muitos países devedores entraram em colapso econômico e financeiro. Nações como o México, Argentina e Brasil decretaram sucessivas moratórias nos pagamentos.

Passada a primeira tormenta, começou o ajuste estrutural dessas economias. Sob o comando do FMI e do Banco Mundial, o "ajuste" se transformou em uma condição para a assinatura de acordos com os bancos credores, para aumentar os prazos dos vencimentos e melhorar as condições de pagamento.

Como resultado do ajuste houve uma desnacionalização em massa de recursos naturais e foram vendidas muitas empresas estatais estratégicas para os países do Terceiro Mundo. As relações econômicas internacionais se globalizaram por efeito da revolução tecnológica e científica que permitiu a comunicação instantânea, sem limites de espaços, nem fronteiras nacionais. E a Ásia, que em geral escapou do endividamento dos anos 70, emergiu como a região que promete ser a mais rica e mais próspera do próximo século.

Todas essas mudanças nas coordenadas geopolíticas e geoeconômicas têm gerado surpresas e perplexidades que, na ótica de muitos especialistas constituem a característica principal do mundo do pós-Guerra Fria.

Problemas



A revolução tecnológica e científica globalizou as relações internacionais

atual sistema internacional, o relatório enumera as seguintes:

- a passagem de um sistema internacional de "duas polaridades definidas" para um sistema de "várias polaridades indefinidas";

- a coexistência de forças centrípetas, que levam os países a se associarem, e ao mesmo tempo de forças centrífugas, que originam processos de dissociação e ruptura;

- a formação de espaços regionais nos quais se associam vários países, com um grau maior ou menor de integração de seus processos econômicos e políticos.

Globalização versus fragmentação – Ao analisar a evolução internacional desde o fim da Guerra Fria, o ex-chanceler Celso Lafer afirma que uma correta leitura da relação que pode estabelecer-se entre os espaços integrados deve diferenciar, por um lado, os processos que se deram a partir do pós-guerra e, por outro, os rumos que a integração assumiu a partir da queda do Muro de Berlim.

Nesta linha de análise, considera o Tratado de Roma, pelo qual se fundaram a Comunidade Econômica Européia e o Mercado Comum, como um instrumento situado dentro do conflito Leste-Oeste, cujos principais problemas eram a reunificação da Alemanha e a transformação de suas "fronteiras de separação" em "fronteiras de cooperação". O grande desafio eram a URSS e o Leste europeu.

Para Lafer, a CEE expressou, durante a Guerra Fria, "a dimensão econômica e geopolítica do projeto estratégico representado pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a maior aliança militar do Ocidente".

A Aliança Latino-Americana de Livre Comércio (Alalc), na América Latina, fundada nos anos 60, estava dentro dos mesmos pressupostos, embora tenha sido um espaço construído como "um tema Norte-Sul no âmbito do parâmetro Leste-Oeste, tal como aquele havia sido configurado", disse Lafer. A Alalc foi uma forma de compatibilizar os países latino-americanos com o Gatt, para permitir o melhor desenvolvimento da substituição de importações.

Na opinião do ex-chanceler, o mundo do pós-Guerra Fria é um mundo de "polaridades indefinidas" e que isto obedece a duas lógicas – a "globalização" e a "fragmentação" –, ambas presentes nos dois momentos em que pode se dividir esse período: antes e depois da Guerra do Golfo. "Da queda do Muro de Berlim até a Gue-

Um mundo de polaridades indefinidas – O fim da bipolaridade e a expectativa que se abriu com a transformação democrática na Europa, somados ao triunfo dos Estados Unidos na Guerra do Golfo, fizeram com que algumas cabeças começassem a sonhar com uma nova era, "a era de uma nova ordem internacional do liberalismo triunfante".

Isso é o que afirma um importante documento elaborado recentemente por diplomatas e acadêmicos do Mercosul e da União Européia, reunidos em São Paulo, que descreve a "nova ordem" em gestação como o principal argumento que levou os mais ousados a anunciarem "o fim da História".

O mundo teria ficado sob a batuta norte-americana, "funcionando os Estados Unidos como centro de um 'império democrático', organizador de uma rede de alianças regionais de segurança, com um Conselho de Segurança das Nações Unidas completamente submisso e dócil à sua vontade".

Não obstante, a realidade tem mostrado outros desafios, como a democratização da Europa central e do leste, o impacto das formas extremas de nacionalismo e o crescimento do fundamentalismo religioso e étnico.

A solução da equação crescimento demográfico/aumento da pobreza, somada a esses desafios, "exige respostas políticas, econômicas e estratégicas que não estão ao alcance de uma só potência, mesmo que se trate dos Estados Unidos, um país que discute ainda qual é o papel que lhe cabe desempenhar no mundo do pós-Guerra Fria", afirma o documento.

Ao destacar as principais características do



Celso Lafer:
a lógica da
fragmentação
começou a
ostrar-se com o
smembramento
da ex-URSS

rra do Golfo, se produziu o ponto culminante da lógica da globalização, do 'fim da História' e da 'paz perpétua'."

A lógica da fragmentação começa imediatamente depois, com o desmembramento da União Soviética e, na Iugoslávia, com os problemas na Bósnia. Isso gerou a coexistência de forças centrífugas com forças centrípetas, que ao mesmo tempo associam e desmembram Estados e regiões.

A presença da democracia como catalisador dos processos de integração foi mencionada no exemplo do Mercosul. O jurista brasileiro o considera a primeira experiência de integração do pós-Guerra Fria. O Mercosul foi pensado como uma forma de inserir-se competitivamente no processo de globalização. "Representa a idéia de um pólo aberto (não de um bloco fechado) inclusive por causa da escala dos países que vão integrar-se", destaca.

As duas lógicas imperantes, de globalização e de fragmentação, estariam expressas na dinâmica interna do Mercosul, por problemas que cria a harmonização das políticas macroeconômicas. As dificuldades argentinas com o câmbio, as do Brasil com a inflação, os problemas criados no contexto regional por casos como os do Peru, Venezuela, e a própria rebelião de Chiapas, no México, foram mencionados por Lafer como sinais da coexistência no espaço Mercosul da *globalização* versus *fragmentação*.

Épocas revolucionárias—Para alguém tão familiarizado com a negociação comercial multilateral como o diretor geral do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), Peter Sutherland, que conduziu pessoalmente grande parte das discussões finais da Rodada Uruguai, estas são "épocas revolucionárias".

E explica: "Primeiro, porque o colapso dos países socialistas do Leste europeu implicou muito mais do que uma mudança política. Foi muito mais que arremção do muro de cimento que separava esses países das economias de mercado." A situação criada implica que uma população total mundial de aproximadamente 5,5 bilhões de pessoas passe a viver "no que chamamos 'economias de mercado', que atualmente têm uma população de 2,5 a 3 bilhões de pessoas". E isso requer grandes mudanças e coloca sérios desafios.

O segundo fator, para o diretor do Gatt, é que "vivemos tempos nos quais ocorrem diferentes tipos de integração, como a tecnológica, principalmente estimulada pelo desenvolvimento da capacidade de comunicação, pela mobilidade do capital e pela supressão dos controles sobre o câmbio".

Há também um terceiro nível de mudanças, relativo ao problema demográfico, que afeta em particular o mundo subdesenvolvido.

"O crescimento da população nos países desenvolvidos que integram a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE)" é muito baixo, próximo de zero. Estes países possuem uma população em grande parte adulta, o que está evidenciando o tipo de problemas que estes países deverão enfrentar em um futuro imediato", afirmou Sutherland.

O desafio do desemprego—Mas, para ele, o problema principal está no Terceiro Mundo, onde nos próximos 20 anos nascerão cerca de 2 bilhões de pessoas, segundo os cálculos mais conservadores da ONU. Isto criará um enorme fosso entre as possibilidades reais do mercado de trabalho e a demanda por parte das futuras gerações.

O número de novos postos de trabalho necessários só para manter os índices de desocupação nos países do Terceiro Mundo nos mesmos níveis de hoje é maior que o número total de empregos existentes atualmente em toda a Europa Ocidental e Estados Unidos juntos.

Diante destes dados, Sutherland advertiu sobre os riscos que implica a formação de pólos regionais e blocos de comércio que possam resultar em um novo aumento do protecionismo. Para ele, esse risco é maior nos países desenvolvidos do que nos subdesenvolvidos e deu o exemplo do Brasil. "Este país, que por seu tamanho e potencialidades depende em grande parte de um sistema mundial de comércio aberto, tem demonstrado que é capaz de abrir a economia à competição externa."

Por isso, a ampliação dos pólos originais já integrados (Europa) e a assinatura de novos acordos preferenciais em distintas áreas do planeta deverão ser feitas com o cuidado necessário para que se garanta o acesso de todos aos principais mercados, de forma equitativa.

O diretor do Gatt lembrou que no mundo atual não são a União Europeia (UE), o Nafta e o Mercosul os únicos pólos de integração em processo. Há nada menos que 50 acordos de livre comércio em gestação em todo o planeta. Uma vez concluídos, estes acordos vão delinear um mapa geoeconômico com-



No séc. XX
de 5,5 bilhões
pessoas viverão
chamadas 'econ
de me

pletamente novo. Sutherland advertiu que as relações entre estes espaços não serão sempre de cooperação e que pode haver tensões muito sérias, e “não me refiro só às tensões econômicas”.

Hegemonia dos EUA em questão – A existência de múltiplos pólos de influência mundial não impede que os Estados Unidos continuem ocupando um lugar destacado na agenda das preocupações internacionais. Principalmente por ser a única superpotência militar com capacidade de deslocamento em todo o planeta. Para tratar de determinar se existe ou não uma perda de competitividade dos norte-americanos, Ana Esther Ceceña, economista da Universidade Autônoma do México (Unam), dedicada ao estudo das relações econômicas internacionais, relata o que está ocorrendo no processo de gestação das chamadas “tecnologias de ponta”.

No terreno da automatização, onde se disputa parte da liderança mundial, foi na microeletrônica que ocorreu a mudança fundamental dos últimos 25 anos. (Embora nos últimos cinco anos a informática tenha tomado novamente a vanguarda.) Nesse contexto, dentro da tecnologia eletro-informática, os elementos determinantes são o microprocessador (o cérebro do computador) e a memória. O microprocessador porque contém as instruções de funcionamento registradas no desenho de seus circuitos. E a memória ou “armazém de dados” que deve ser utilizada no funcionamento básico do computador. Ambos têm a mesma importância.

Como o problema é estabelecer quem tem a supremacia mundial e esta se expressa pela liderança de diferentes capitais, “é preciso ver a concorrência a partir da posição das empresas que elaboram e fabricam esses produtos”, diz a economista mexicana. No campo da microeletrônica, sem dúvida, as empresas japonesas têm obtido avanços consideráveis. A liderança está nas mãos da Toshiba. Mas é uma empresa norte-americana, Intel, que lidera a produção de microprocessadores.

Como uma necessita da outra, depois de vários anos de furiosa concorrência, ultimamente se estabeleceram alianças estratégicas entre empresas norte-americanas e japonesas para estabelecer um indispensável intercâmbio tecnológico.

Ceceña estuda também o problema dos recursos humanos na sociedade moderna. Para a pesquisadora, as migrações internacionais de trabalhadores constituem uma alavanca fundamental para a acumulação de capital e permitem que as nações ricas joguem os custos do progresso no mundo subdesenvolvido.

Na sua opinião, os norte-americanos, com os recursos que mantêm em seu poder, continuarão na liderança mundial, apesar de terem perdido alguns atributos da esmagadora hegemonia que tiveram no passado.

Pessimista pelas repercussões que o Nafta terá em seu país, disse que o tratado tem como principal objetivo pôr fim à migração de *chicanos* para o sul dos Estados Unidos e inclusive devolver uma parte da população “hispanica” a seus países de origem, antes que

esta se torne majoritária nos Estados Unidos. Outro problema agravado pelo Nafta é que, embora o petróleo mexicano permaneça nas mãos do Estado, enquanto mineral estratégico, ao chegar à superfície do solo pode ser apropriado por empresas privadas, inclusive estrangeiras. Este seria outro dos objetivos que os Estados Unidos perseguem com o Tratado de Livre Comércio.

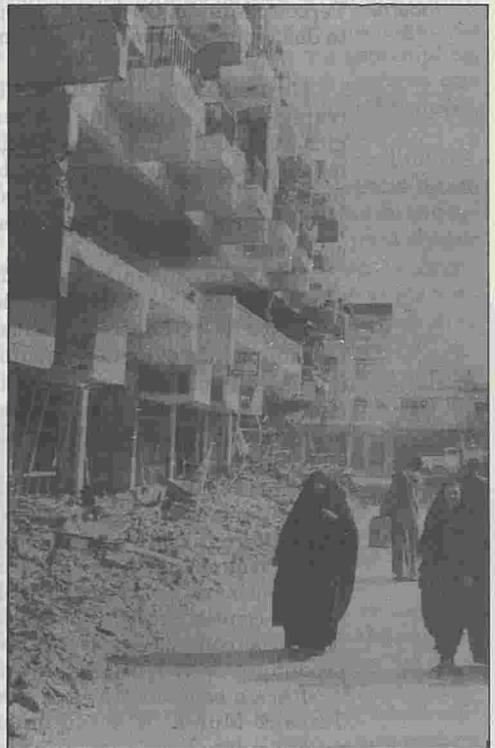
Concentração dos recursos tecnológicos – Theotonio dos Santos, um dos economistas fundadores da “teoria da dependência”, considera que, nas condições criadas no pós-Guerra Fria, não existem possibilidades reais dos países centrais transferirem fundos para o desenvolvimento ao Terceiro Mundo. Pelo contrário, tal como ficou em evidência na década de 80, com a crise da dívida externa, são nossos países os que continuam transferindo excedentes para os grandes centros industriais.

Por outro lado, Theotonio dos Santos chama a atenção para um fenômeno novo, do qual muitos dirigentes dos países subdesenvolvidos ainda não tomaram consciência. A geração de empregos, que é o grande desafio do mundo atual, passa por uma profunda transformação. Na medida em que os países centrais monopolizaram os benefícios da revolução tecnológica, chave para a produção da ciência e do conhecimento, “se apropriaram dos efeitos positivos do processo de transformação global a nível mundial”.

Ao concentrarem-se os recursos tecnológicos nos países desenvolvidos, estes têm agora em seu poder os setores que passaram a ser grandes geradores de emprego no mundo moderno: serviços, informação, ciência e tecnologia.

Na medida em que os países do Terceiro Mundo se convertam em produtores industriais estarão desenvolvendo os setores da economia nos quais a geração de emprego é atualmente negativa.

Paradoxalmente, a industrialização do Terceiro Mundo criará as condições para que o desemprego aumente nesses países e não o contrário. Com um agra-



A Guerra do Golfo divide em dois o período pós-Guerra Fria



**As ex-repúblicas
socialistas
iniciaram
uma transição
incerta**

vante: em geral, um processo desse tipo depende ainda de mão-de-obra barata e da disponibilidade de matérias-primas, característica de muitos dos países do Terceiro Mundo. Ou seja, continuará a exploração tanto dos recursos humanos como materiais.

Capacitação científica – Denunciando uma estratégia para evitar que o desenvolvimento tecnológico avance nos países periféricos, o economista tomou o caso da Rússia e perguntou até que ponto este país será capaz de reinserir-se na economia mundial, aproveitando sua própria capacidade científico-tecnológica.

Não há dúvida que, dentro da nova estratégia global, existe uma tentativa de desestruturar o aparelho científico da ex-União Soviética e da Rússia. “É uma estratégia, não é um movimento espontâneo”. Em sua opinião há uma ação clara destinada a impedir que a ciência se desenvolva em nossos países, a não ser que aceitemos “a dependência em relação ao aparelho científico dos países centrais”.

No caso dos países tropicais, a realidade científica é completamente diferente da dos países centrais, o que exige alternativas próprias. Theotonio dos Santos citou o caso do álcool da cana-de-açúcar ou da biomassa, duas experiências de uso de energias alternativas desenvolvidas por cientistas e técnicos brasileiros. O sucesso de experiências como esta pode ter graves implicações para os produtores de tecnologias dos países centrais.

Para o economista, a preocupação dos países do Terceiro Mundo deve continuar sendo o desenvolvimento autônomo, podendo explorar inclusive divisões dentro do sistema econômico e político do mundo atual. “Devemos nos inserir no sistema financeiro, político e econômico internacional. Creio que não devemos ter uma perspectiva só defensiva, mas procurar realmente conseguir impor nossa visão”, concluiu.

Os limites do modelo neoliberal– O avanço do neoliberalismo no mundo, sobretudo na década de 80,

deixou um saldo enorme de marginalização e pobreza que hoje ameaça inclusive os países mais ricos. Indicadores alarmantes de mortalidade infantil, do aumento da criminalidade e do tráfico de drogas em todo o mundo mostram a decadência de um sistema que não tem respostas para o problema social. Longe de diminuir, o tráfico internacional de armas vem aumentando e inclui hoje componentes para fabricar bombas atômicas que fugiram do controle da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA).

Por isso, a chegada do século XXI, apesar das recentes mudanças, mostra que subsistem muitos e antigos problemas gerados pela expansão do capitalismo no mundo. A integração como um valor universal, para a aproximação dos povos, deve servir não só para aumentar o comércio, como também para introduzir regras civilizadas na convivência internacional e promover a justiça social.

Persistem microcenários onde a Guerra Fria não acabou. É o caso de Cuba, país que continua sendo vítima de um bloqueio econômico por parte dos Estados Unidos, aplicado exclusivamente em benefício da comunidade mais conservadora de exilados cubanos que vive em Miami.

No centro da civilizada Europa voltaram os fantasmas do passado. Uma guerra étnica com características brutais explodiu na ex-Iugoslávia e há uma proliferação alarmante de movimentos neonazistas em quase todos os países. Em todos os continentes, a corrupção generalizada nas esferas do poder coloca um grave desafio às estruturas democráticas. A pobreza e a fome estão mais disseminadas do que nunca. No Norte desenvolvido, como nos países do Sul, aumenta o número de desempregados e os que cada vez têm menos recursos para viver.

Nesse contexto, o desafio de construir alternativas mais humanas, capazes de impor-se às “regras frias do mercado”, continua sendo a prioridade.

¹Conclusão Preliminar do III Foro Euro-latino-Americano, reunido em julho deste ano, na sede da Federação de Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Participaram os embaixadores da Argentina, Uruguai e Brasil na UE; o diretor geral do Gatt, Peter Sutherland; o embaixador da Argentina no Brasil, os professores Heli Jaguaribe, Celso Lafer e Aldo Ferrer, entre outros.

²OCDE: Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento, com sede em Paris, reúne os países mais ricos do planeta.

³Trabalho apresentado ao Seminário Internacional sobre Desenvolvimento da Competitividade do Terceiro Mundo na Economia Mundial, realizado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em fins de julho deste ano, no Rio de Janeiro, coordenado pelo professor Theotonio dos Santos.